

A MÚSICA COMO SUPORTE PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MUSIC AS PSYCHOMOTOR SUPPORT IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION



JUCELIA SOUZA SANTOS

Graduação em Pedagogia pela UNIFESP (2010), Pós-Graduação em Gramática e Texto da Língua Portuguesa pela UNINOVE (2013); Especialização em Psicomotricidade pela Faculdade de Educação São Luís (2017); Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na EMEI Prof.^a Cecília Sant'Anna de Souza.

RESUMO

A Educação Infantil tem como proposta desenvolver e ampliar as diferentes formas de expressão que são possíveis entre as crianças pequenas. A música constitui-se como uma das linguagens deste contexto, enquanto a Psicomotricidade pode garantir a evolução do desenvolvimento e da aprendizagem da criança fazendo uso desse tipo de ferramenta. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo observar como a música e a Psicomotricidade podem ser trabalhadas e pensadas enquanto linguagem e expressão, por auxiliarem a criança em sua formação, além de verificar que ações pedagógicas incluem a música como recurso de aprendizagem e analisar a relação do fazer musical com o desenvolvimento cognitivo, motor e social.

PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade; Educação Infantil; Música; Aprendizagem.

ABSTRACT

Early Childhood Education aims to develop and broaden the different forms of expression that are possible among young children. Music is one of the languages in this context, while psychomotricity can ensure the child's development and learning by using this type of tool. Therefore, the aim of this paper is to look at how music and Psychomotricity can be worked with and thought of as language and expression, as they help children in their development, as well as to see which pedagogical actions include music as a learning resource and to analyze the relationship between making music and cognitive, motor and social development.

KEYWORDS: Psychomotricity; Early Childhood Education; Music; Learning.

INTRODUÇÃO

A produção deste artigo tem como objetivo tratar sobre o desenvolvimento da criança no âmbito da Educação Infantil, tendo como referência a Psicomotricidade enquanto recurso que avalia e auxilia na aquisição das habilidades motoras e na construção cognitiva, uma vez que o corpo humano é um conjunto de elementos que possibilitam a aprendizagem. Como parte nesse estudo, pretende-se também verificar qual o lugar da Música no processo de ensino na Educação Infantil, qual a sua relação com o brincar, com a socialização e com a formação de saberes das crianças pequenas.

Com este trabalho objetiva-se compreender como a Psicomotricidade e a música, podem ser expandidas como recursos de ensino, proporcionando ganhos na aprendizagem, além de contribuir positivamente e beneficiar a linguagem, a socialização e o desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo.

A música é uma linguagem culturalmente desenvolvida, que tem como finalidade comunicar e expressar sensações, pensamentos e sentimentos. Observa-se então, que o trabalho com a música na Educação Infantil é um importante suporte para aquisição da sensibilidade e da estética, isso através da interpretação, do improviso e do reconhecimento dos sons pelas crianças, levando-as à apreciação da música por meio de reflexões, vivências, emoções e saberes.

Também busca-se compreender como a prática da Psicomotricidade, enquanto recurso pedagógico, pode proporcionar um trabalho preventivo ou de reeducação, que possa ser estendido para os anos posteriores, contribuindo para um bom desempenho escolar.

A Educação Infantil é um processo contínuo de ensino, que usa a ludicidade como linguagem expressiva para favorecer a aprendizagem, a comunicação e a interação, tendo como suporte as artes, os jogos e as brincadeiras. Portanto, a produção deste trabalho é justificada pelo interesse em verificar a influência da Psicomotricidade e da música, enquanto mediadoras na Educação Infantil, mostrando o quanto podem contribuir com o desenvolvimento global da criança pequena.

Esta é uma pesquisa qualitativa, baseada em dados bibliográficos, com os quais buscou-se o máximo de informações para compreender o desenvolvimento da criança e como é possível, a partir de ferramentas multidisciplinares, aperfeiçoar a aprendizagem.

O primeiro capítulo faz uma breve definição de música e de musicalização, explanando sobre a importância da educação musical para crianças pequenas, contudo, procura esclarecer que na

Educação Infantil pretende-se fazer uso dessa ferramenta dentro de uma técnica de ensino multidisciplinar.

O segundo capítulo apresenta um resumo histórico da Psicomotricidade, descrevendo alguns estudiosos e pesquisadores que foram pioneiros desta ciência. Comenta também sobre a sua função no âmbito da Educação Infantil, enquanto suporte no processo de aprendizagem.

Por fim, o terceiro capítulo procura relacionar as propriedades da educação musical e da Psicomotricidade, mostrando como o trabalho multidisciplinar, já na Educação Infantil, pode beneficiar o desenvolvimento global do indivíduo.

MÚSICA E MUSICALIZAÇÃO

A música é uma linguagem que compõem a produção cultural de todos os povos e, por isso, deve fazer parte do contexto escolar já na Educação Infantil. Entende-se que o contato, desde muito cedo, com a música permite uma apreciação mais sensível e crítica, além de ampliar a criatividade, a emoção, o raciocínio lógico, a concentração e a cognição. Por isso, é incontestável a presença da música na vida dos seres humanos.

Segundo o que descreve o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998):

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. [...] A integração entre os aspectos sensíveis afetivos estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, 1998, p. 46).

A música é linguagem e expressão. É uma experiência humana resultante da reação do homem ao som, ou seja, é a partir da sensibilidade que a música ganha significado. Está dentro do contexto social, junto a outras atividades, costumes e tradições, levando seus ouvintes e praticantes à troca de ideias e de pensamentos.

Em relação à música, Nogueira (2003) afirma que esta deve ser entendida como experiência que,

[...] acompanha os seres humanos em praticamente todos os momentos de sua trajetória neste planeta. E, particularmente, nos tempos atuais, deve ser vista como uma das mais importantes formas de comunicação [...]. A experiência musical não deve ser ignorada, mas sim compreendida, analisada e transformada criticamente (NOGUEIRA, 2003, p.01).

Por sua vez, a musicalização é o processo de construção do conhecimento musical, e tem como um dos seus objetivos despertar e desenvolver a sensibilidade estética em relação aos sons, através de estímulos que contribuam para a formação global do indivíduo, tornando-o um ouvinte sensível da música. A característica da musicalização é ensinar os elementos da linguagem sem se preocupar com questões técnicas.

A música também está entre as principais referências artísticas e presente na vida das pessoas de forma muito intensa, por levar à manifestação simultânea de sensações físicas e emocionais. Segundo Fonseca (2004), é através da audição e pelas vibrações sensíveis (recebidas pelos músculos, pele e órgãos internos) que os sons são percebidos, mas, é por uma convenção de significados que os sons são identificados como música ou barulho.

Percebe-se aqui dois elementos que interferem diretamente na construção da criança enquanto sujeito. Primeiro é a experiência, pois o aprendizado só acontecerá a partir daquilo que a criança for capaz de captar e se apropriar, desde que tenha vivenciado em outros momentos. E, segundo a estética, que parte de experiências e de referências que possibilitam que a criança conclua se é bom ou ruim, bonito ou feio, música, barulho ou silêncio. Isso porque, ainda segundo Fonseca (2004):

[...] qualquer atividade humana requer uma complexa ordenação e integração de sensações que vão constituir uma matriz biológica da qual, provavelmente, emana o sentido estético que pode estar na origem das primeiras expressões artísticas do ser humano (FONSECA, 2004, p. 156).

Mas, este conhecimento só será apreendido a partir da intervenção ou mediação, neste caso, do educador ou adulto mais próximo da criança, uma vez que está usará como ponto de partida as orientações que foram dadas no primeiro momento em que a informação foi captada, recuperando-a em suas memórias, já que, “a música é uma atividade essencialmente humana, intencional, de criação de significados” (PENNA, 2008, p. 18).

Com a finalidade de pensar a música em relação à criança pequena, é importante ressaltar sua relevância enquanto atividade que proporciona vivências diversas, conhecimento e sensibilidade, devendo ela ser reconhecida desde simples batucadas produzidas pelas crianças, até os arranjos mais complexos, bem como, das canções infantis às mais rebuscadas, todas as músicas, que forem significativas devem ser apresentadas para as crianças.

DESCOBRINDO SONS – OS EFEITOS DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), tem como uma das principais orientações metodológicas, definir o ensino de música enquanto ação que visa a experimentação, a interpretação e o improviso, bem como a composição, que abrange a percepção dos sons e do silêncio, como estruturas da organização musical.

O RCNEI enfatiza a presença da música na Educação Infantil, partindo da concepção de música como linguagem e área do conhecimento. Além disso, segundo este documento, a música possui estruturas e características próprias, de acordo com os parâmetros de produção, de apreciação e de reflexão. Trata, portanto, da importância da música enquanto componente curricular, apresentando metodologias e conteúdos próprios e sua finalidade é tratar a educação musical com propriedade, como um fazer significativo no âmbito escolar.

Na Educação Infantil a música é forma, expressão e linguagem relacionada a outras vivências artísticas. Deve estar dentro de uma proposta transdisciplinar, associada a outras áreas do saber, incluindo nesta proposta o conteúdo humano e social das artes, aproximando as crianças das tradições musicais de sua cultura, formando opiniões, ideias e sentimentos a partir de suas experiências.

A descoberta da música pela criança poderá causar ações e reações que contribuirão para sua integral formação. Neste sentido, Tourinho (1993) diz que:

[...] além do 'conteúdo' afetivo sensivelmente apreendido com a música, o ouvir e/ou produzir música em grupo pode provocar uma forma especial de prazer, que tanto serve para integrar os participantes, como para marcá-los em suas especificidades de idade, função, e mesmo, gênero. (TOURINHO, 1993, p. 69).

Na Educação Infantil, a música e as atividades lúdicas estão diretamente relacionadas, visando o aprimoramento da percepção auditiva e espacial, da imaginação, da coordenação motora, da memorização, da socialização e da expressividade. Então, o brincar irá funcionar como elemento motivador para o desenvolvimento da expressão musical, levando a criança a um universo novo, encantador, criativo e estimulante, possibilitando a manifestação de preferências e a construção de critérios próprios para escolher o que se quer ouvir, bem como despertar a criticidade em relação aos estilos musicais.

A criança, por meio da brincadeira, relaciona-se com o mundo que descobre a cada dia, e é dessa forma, que faz música: brincando. Sempre receptiva e curiosa, ela pesquisa materiais sonoros, inventa melodias e ouve com prazer a música de diferentes lugares. (JOLY, 2003, p. 116).

As crianças brincam e interagem com o universo sonoro e é dessa maneira que descobrirão diferentes meios de fazer música. O seu contato com os mais diversos estilos musicais, com o som e o silêncio, permite que esta linguagem seja apreendida, construída e reproduzida como forma de expressão e comunicação. Desse modo, a atividade musical será um mecanismo de ensino e aprendizagem, de modo despreocupado, mas significativo, que desperta a curiosidade e o interesse das crianças.

Por meio das brincadeiras com objetos sonoros, bem como, das várias experiências com a própria voz, a criança passa a categorizar e a dar significado àquilo que ouve, e os sons que antes

eram isolados e desqualificados, passam a ser agrupados, fazendo sentido e sendo mais facilmente compreendidos.

Para que a aprendizagem seja mais expressiva, é necessário que a criança consiga compreender a música, sendo este um importante meio de desenvolver e sustentar a imaginação e a criatividade. É dessa forma que a criança poderá estabelecer vínculos com os gêneros e estilos musicais que mais tenham significado para ela.

A música se reúne a diversos aspectos das vivências das crianças, sem estar limitada apenas à voz ou a instrumentos musicais. É por isso, e, principalmente, no contexto da Educação Infantil, que a música pode estar relacionada a diversas vivências e situações do dia a dia das crianças. Brito (2003), afirma que os jogos musicais trabalham junto ações do cotidiano, dando base para desenvolver muito a criatividade e atenção das crianças.

Para gerar um retorno positivo para o processo de aprendizagem, o trabalho com a música deve ser feito de diferentes formas, de modo que os conhecimentos das crianças possam ser ampliados. Sabe-se que os bebês e as crianças pequenas podem apresentar reações aos estímulos sonoros, mas é necessário que haja incentivos que contribuam para o acesso à diversidade sonora.

Costallat (1978) destaca que,

[...] a música é um poderoso auxiliar, que facilita em grande parte a reeducação, pois ajuda a criar verdadeiros reflexos condicionados de tipo auditivo-motor. Essas associações requerem um esforço voluntário e uma atenção firme para poderem se manter, o que se traduz por uma adequação motora às variações do ritmo. A graduação dos exercícios se efetua pela natureza dos movimentos que entram em jogo, desenvolvendo a coordenação por meio da simultaneidade ou da alternância deles, combinando-se com o desenvolvimento progressivo do “freio inibitório” e da memória auditiva que vai possibilitar exercícios cada vez mais extensos e complexos. (COSTALLAT, 1978, p. 3).

Na Educação Infantil, estas situações podem surgir, por exemplo, a partir de exercícios de canto, com o uso de parlendas, brincadeiras cantadas ou com a sonorização de histórias. Vale também estimular o desenvolvimento rítmico, marcando a pulsação da música com palmas e com os pés. Nestas propostas, é possível ampliar o conhecimento das crianças com diferentes modos de explorar os sons e os ruídos. Propor atividades em que as crianças descrevam os sons que estão em seu meio, ou mesmo, que reproduzam os sons e ruídos que conhecem, também são possibilidades.

Snyders (1997), diz que é preciso que o professor contextualize e situe a criança no conhecimento musical, sem restringir suas dúvidas e indagações, orientando-a durante as atividades. Então, no âmbito da Educação Infantil, deve ser oferecido às crianças, elementos que deem condições básicas de desenvolver seu potencial rítmico e sonoro.

A música torna-se viável nas escolas, pelo uso de ferramentas que permitam a reflexão pelas crianças em torno de seus elementos, ou seja, práticas que possibilitam o uso correto da música, dentro da capacidade de aprendizagem de cada criança, sem deixar de explorar suas potencialidades.

A atividade musical e as demais artes, atreladas à ludicidade necessária a esta fase, são uma base importante para o desenvolvimento da criança pequena. Sobre isso Brito (2003) comenta que,

[...] importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas situações de ensino musical consideram. A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos de amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje (BRITO, 2003, p.46).

Essa experiência se torna possível, quando o trabalho musical tem como base um amplo repertório que envolva os mais variados ritmos, atrelado à ludicidade, proposta necessária para o desenvolvimento das crianças pequenas.

Para um trabalho mais aprofundado com a música na Educação Infantil, o RCNEI (1998) também descreve variadas orientações potencializando um ambiente educativo, no qual é possível aprofundar a relação da criança com o professor e destes com a música, oportunizando a promoção da continuidade desse processo.

O RCNEI (1998) orienta que:

Integrar a música à Educação Infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação e essa linguagem. Considerando que a maioria dos professores de Educação Infantil não têm formação específica em música, sugere-se que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal, no sentido de: sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música; reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói; entender e respeitar como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios necessários (vivências, informações, materiais) ao desenvolvimento de sua capacidade expressiva (BRASIL, 1998, p. 67).

Esta relação permite, principalmente, que o professor reconheça a importância de incentivar o desenvolvimento integral da expressividade e das vivências infantis, sobre a musicalidade. Além disso, é dada a criança a oportunidade de desenvolver sua capacidade de explorar e adquirir conhecimentos e sua criatividade para improvisação diante das oportunidades que são oferecidas.

A partir desta problemática, vê-se que é necessário repensar e refletir sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil, principalmente acerca das propostas educacionais envolvendo a música. Ou seja, este processo consiste na busca pela integração musical do professor e por seu interesse em compreender as necessidades de desenvolvimento musical da criança, incentivando, de maneira expressiva, cada nova experiência.

Diante disso, é possível afirmar que para potencializar a criatividade da criança, para que ela se expresse através da música, de outras linguagens artísticas e da ludicidade, deve o professor dispor de ações significativas, refletindo sobre práticas que façam uso da música como fonte de saber. Trabalhar de um modo multidisciplinar permite que sejam explorados diferentes aspectos do cotidiano, favorecendo a socialização e a aprendizagem das crianças.

Do mesmo modo que a ludicidade, a relação que há entre a música e a criança pequena é muito íntima, pois facilita o seu processo de aprendizagem e absorção, quando inserida ou proposta

em ambientes socializadores, que tenham como principal ferramenta pedagógica a musicalização. Brito (2003) contribui neste sentido, dizendo que,

[...] é preciso dar às crianças a possibilidade de desenvolver sua expressão, permitindo que criem seus gestos, que observem e imitem os colegas e que, principalmente, concentrem-se na interpretação da canção, sem a obrigação de fazer gestos comandados durante todo o tempo [...]. Cantando coletivamente, aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo. Dessa forma, desenvolvemos também aspectos da personalidade, como atenção, concentração, cooperação e espírito de coletividade (BRITO, 2003, p. 93).

A musicalização nesta fase, tende a acontecer por meio da improvisação, representada pela criação e pela expressão aleatória, que se trata também de um modo de ensinar pela música. Para tal, deve haver como orientação alguns critérios e propostas pedagógicas, pautando na exploração, nas vivências e na reflexão da música enquanto produto culturalmente humano para ser conhecido.

O improviso nesta faixa etária é o que levará a criança a comunicar-se pela música. Por ser uma atividade criativa, ela precisará de um modelo para representar, situando a criança, ou seja, explorando junto com ela suas capacidades musicais e as opções que lhes são oferecidas, dentre materiais e espaços. Portanto, as brincadeiras e os jogos musicais permitirão a imitação e a improvisação, proporcionando naturalmente a criação expressiva.

Brito (2003) também trata da importância da imitação e da improvisação, de forma relevante:

A improvisação deve ser entendida como uma ferramenta pedagógica importante, que acompanha todo o processo de educação musical. Desde os primeiros meses de vida, os bebês exploram sons vocais, improvisando linhas e desenhos melódicos. Eles estabelecem jogos de comunicação com os adultos, respondendo aos estímulos sonoros que percebem, e assim desenvolvem os recursos necessários à expressão por meio da linguagem e também da música. E, se improvisam quando começam a falar, constituindo frases, inventando palavras, isso pode ocorrer também com a expressão musical (BRITO, 2003, p. 152).

A autora ainda coloca que os jogos de improvisação são os elementos que possibilitam o processo pedagógico musical na Educação Infantil, pois são ações intencionais que permitem o exercício criativo. Sendo assim, os jogos também levarão a criança a vivenciar e a compreender situações musicais, bem como, estimulará o desenvolvimento da comunicação por meio da linguagem musical.

Além da expressão e da comunicação, é também a partir da improvisação musical que a criança pequena demonstra sua percepção acerca das melodias, ou seja, como elas ouvem e percebem a música, como se relacionam com materiais e instrumentos sonoros, além de valorizar o desenvolvimento sensorial, motor e simbólico de maneira expressiva, estabelecendo relações com diferentes sons e músicas.

Pensar a música como linguagem e forma de conhecimento, possibilita que a criança seja vista como alguém que interage com o tempo e com o meio, que organiza suas ideias e pensamentos.

Assim, pensar as funções do ensino da música na Educação Infantil, remete não apenas ao cotidiano escolar, mas à participação das crianças e à contribuição do professor, de como a música está inserida neste contexto, trabalhando suas particularidades e possibilidades enquanto linguagem e área de conhecimento.

HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

O corpo humano é um objeto de estudos constantes, sendo válida esta afirmação para todas as ciências. Por ser uma matéria viva, dividida entre físico e psíquico, há um grande interesse em saber o que leva ao seu funcionamento e, se há uma relação de dependência entre estas partes, ou se são apenas elementos que se completam.

A Psicomotricidade pode ser definida como ciência que estuda o indivíduo, no que diz respeito ao seu corpo em função de seus movimentos, sendo influenciado por ações externas (do meio) e internas (do intelecto). Para Fonseca (2004, p.12) “a psicomotricidade constitui uma abordagem multidisciplinar do corpo e da motricidade humana”. Por esse motivo, Oliveira (1997) também considera que a Psicomotricidade tem uma importante relação com o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Fonseca (2004), o termo “Psicomotricidade” teria surgido, primeiramente, como um discurso da neurologia. Isso porque no século XIX o corpo passou a ser estudado também por neurologistas, que queriam compreender a motricidade em relação às estruturas cerebrais. Sendo assim, é possível que a Psicomotricidade tenha surgido como forma de tratar o corpo separado da mente, tão pouco havendo preocupação com o emocional. Atualmente a Psicomotricidade visa o indivíduo dentro de uma globalidade, e não num conjunto de suas inclinações (LUSSAC, 2008).

Para a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (1999) trata-se de uma ciência que

[...] está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito, cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização (SBP, 1999, p. 22).

Segundo Santos (2010), a Psicomotricidade é o estudo do ser em movimento, ou seja, a dualidade corpo e mente, além da sua relação com ele próprio e com o meio no qual está inserido. O corpo físico conecta as funções cognitivas e afetivas ao intelecto e ao movimento. É a partir destes fatores que o desenvolvimento acontece e com ele, a aprendizagem e a aquisição de habilidades diversas.

Mas, essa nomenclatura também indica as possibilidades do intelecto, como o sentir, o pensar e o falar, além de estar presente também nas funções motoras que capacitam o corpo a realizar movimentos simples, leves, precisos ou bruscos. Atualmente é mais comum considerar que “a Psicomotricidade é a ciência que estuda o homem na sua unidade como pessoa” (NICOLA, 2004, p. 5). Esta definição apresentada pela autora pode ter sua origem no termo “Motricidade” com o prefixo “Psico”, por isso, ela ainda explica que:

Motricidade: por definição conceitual é a propriedade que tem certas células nervosas de determinar a contração muscular. Psico (Gr Psyquê): vem representar a alma, espírito, intelecto. Psicomotricidade: condição de um estado de coisas corpo/mente. Visão global de um indivíduo, onde a base de atuação está no conhecimento desta fusão (NICOLA, 2004, p. 5).

Pode-se dizer ainda que a motricidade é a reação motora dada pelo corpo a um estímulo recebido, pois compreende os aspectos motores, afetivos e cognitivos, que são o resultado das relações interpessoais e intrapessoais de cada indivíduo. Ou seja, a Psicomotricidade está relacionada ao processo de maturação e às possibilidades de o corpo perceber e exercer ação sobre o outro, sobre o meio e consigo mesmo.

As diferentes definições que são dadas à Psicomotricidade, levam à conclusão de que existe uma parte palpável, com a qual o indivíduo é capaz de movimentar-se, realizar ações, bem como, produzir ferramentas e outros elementos que possibilitem a sua sobrevivência. Mas, por outro lado, há a parte com a qual o indivíduo expressa suas emoções, desenvolve a linguagem e o pensamento, relaciona-se com outros indivíduos, produz cultura e se torna capaz de efetuar todos os movimentos e ações.

Por se tratar da relação entre o homem, seu corpo e o meio físico e sociocultural no qual convive, a Psicomotricidade é fundamentada e estudada por um amplo conjunto de campos científicos, onde se pode destacar a Neurofisiologia, a Psiquiatria, a Psicologia e a Educação, imprimindo cada uma dessas áreas enfoques que lhe são específicos (MELLO, 1989, p. 30).

Segundo Fonseca (2008, p.1), “a psicomotricidade pode ser definida, em termos necessariamente reduzidos, como o campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações e as influências, recíprocas e sistêmicas, entre o psiquismo e a motricidade”. Então, o estudo da Psicomotricidade diz respeito aos resultados que o ser humano pode apresentar em decorrência das interferências do meio, sendo que, ainda deve-se considerar suas experiências atreladas aos fatores externos. Sendo assim, Fonseca também afirma que:

A psicomotricidade parte de uma evidência ontológica inquestionável: somos seres vivos, antes de sermos seres humanos e seres culturais, por essa imanência transcendente, só a podemos formular numa vocação epistemológica biopsicossocial (FONSECA, 2008, p. 6).

Além disso, “psicomotricidade é a evolução das relações recíprocas, incessantes e permanentes dos fatores neurofisiológicos, psicológicos e sociais que intervêm na integração, elaboração e relação do movimento humano” (FONSECA, 2008, p. 10).

Logo, a Psicomotricidade educa o movimento em consonância com as funções da inteligência. Por isso, Fonseca (1998) ainda comenta que:

O movimento humano é construído em função de um objetivo. A partir de uma intenção como expressividade íntima, o movimento transforma-se em comportamento significativo. O movimento humano é a parte mais ampla e significativa do comportamento do ser humano. É obtido através de três fatores básicos: os músculos, a emoção e os nervos, formados por um sistema de sinalizações que lhes permitem atuar de forma coordenada. O cérebro e a medula espinhal enviam aos músculos pelos seus mecanismos cerebrais ordens para o controle da contínua atividade de movimento com específica finalidade e dentro das condições ambientais. Essas ordens sofrem as influências do meio e do estado emocional do ser humano (FONSECA, 1998, p. 55).

Até chegar a essa conclusão sobre a Psicomotricidade, houve muita divergência de opiniões, desde a antiguidade. Por um lado, se afirmava que haveria uma separação entre o corpo e a alma, sendo o corpo apenas um local de transição da alma no mundo, e que por isso, o corpo deveria ser muito bem cuidado, pois este guardava uma alma imortal. Acreditava-se que o corpo dependeria da alma para ser colocado em movimento, sendo este apenas uma espécie de casca. A partir daí, observa-se o início de um pensamento mais pragmático, que se aproxima da ideia atual de Psicomotricidade, acreditando que o corpo deveria ser educado a fim de não prejudicar o espírito.

Mesmo nos séculos subsequentes pensava-se que existia uma separação, sempre colocando a alma como substância pensante e o corpo como algo externo que não pensa. Além desse pensamento, acreditava-se que a alma não precisa de um corpo para existir. Analisando todas essas teorias, observa-se que elas levam à conclusão de que corpo e alma se articulam e formam uma continuidade que compõem o sujeito.

Passado esse período, já no século XIX, com o desenvolvimento da neurofisiologia, o corpo passa a ser observado como um todo, relacionando algumas deficiências, voltadas para atividades motoras, a patologias do sistema nervoso, por não se tratar de lesões físicas localizadas. Desse modo, essas analogias clínicas que explicam determinados fenômenos patológicos, nomearam pela primeira vez, em 1870, o termo “Psicomotricidade”, dentro de uma perspectiva neurológica (LEVIN, 2003, p. 23).

Mas, segundo Levin (2003), foi só a partir do século XX que a Psicomotricidade começou a ser compreendida como uma prática independente, além da medicina, tendo como elemento principal a educação dos movimentos. Começa a crescer o interesse pelo assunto, do mesmo modo que surgem estudos que discutem a relação dos movimentos com o desenvolvimento cognitivo.

Philippe Tissié (1852-1935), Ernest Dupré (1862-1921) e Henry Wallon (1879-1962) foram os primeiros a correlacionar os movimentos com a cognição. Tissié defendia a Educação Física para

além de exercícios musculares, por se tratar de um processo psicomotor, no qual haveria uma constante relação entre o pensamento e o movimento (COSTA, 2008, p. 42).

Já Dupré sustentava a ideia de Reeducação Psicomotora, por estar associada a fenômenos patológicos compostos por ações involuntárias, debilidade motora, instabilidades e perturbações como tiques, sincinesias e paranoias. Com esses estudos Dupré afirmou que nem sempre haverá uma correspondência entre lesões cerebrais e disfunções motoras, mas um paralelismo psicomotor que associa a inteligência a ações realizadas pelo indivíduo. (LEVIN, 2003, p. 24).

Wallon relacionou o movimento ao afeto, à emoção, ao meio, às ações, atitudes e relações do indivíduo. Segundo ele, “o movimento é a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo” (WALLON apud FONSECA, 1998), concluindo que o movimento, enquanto ação, o pensamento e a linguagem são funções inseparáveis. Para Wallon, a formação do homem teria influência fisiológica e social. O meio e o indivíduo formariam uma unidade indivisível, ou seja, a sociedade não seria apenas o que determina o desenvolvimento intelectual, mas também, orgânico do homem. (FONSECA, 2008, p.15).

Para Wallon (apud FONSECA, 1998), o conhecimento, a consciência e a personalidade não estão isoladas da emoção. A motricidade, enquanto atividade postural, e as emoções que fazem parte das relações sociais têm sua origem em um mesmo lugar, por isso são indissociáveis.

Sobre a contribuição de Wallon para a Psicomotricidade, Nascimento (2004) ainda explica que:

Tomando a dialética como fundamento epistemológico. Wallon buscou compreender o desenvolvimento infantil por meio das relações estabelecidas entre a criança e seu ambiente, privilegiando a pessoa em sua totalidade, nas suas expressões singulares e na relação com os outros. Dessa maneira, não propôs um sistema linear e organizado de etapas de evolução psíquica, mas desenvolveu sua teoria buscando compreender os objetivos da criança e os meios que ela utiliza para realizá-los, estudando cada uma das suas manifestações no conjunto de suas possibilidades (NASCIMENTO, 2004, p. 47).

Wallon mantinha sua teoria sobre o desenvolvimento centrada na psicogênese do indivíduo como um todo, entendendo que a pessoa é uma totalidade, havendo uma relação funcional entre os aspectos motores, afetivos e cognitivos. Essa base formada pela afetividade, pela inteligência e pelo movimento compõem o indivíduo.

Le Boulch, na década de 1980, definia a Psicomotricidade como “uma ciência que estuda a conduta motora como expressão do amadurecimento e desenvolvimento da totalidade psicofísica do homem [...]”, além disso, “[...] tem como um dos objetivos principais fazer com que o indivíduo descubra seu próprio corpo em relação com seu mundo interno e externo, e sua capacidade de movimento-ação”. (LE BOULCH apud ARAÚJO, 1992, p. 30).

Wallon, também Piaget, La Pierre, Levin, entre outros autores, procuram esclarecer acerca do processo que leva ao desenvolvimento e à aquisição do conhecimento, relacionando a criança e seu aprendizado, dentro da perspectiva da Educação Psicomotora. Sobre este ponto de vista Ajuriaguerra (1983) ainda apresentou contribuições, definindo a Psicomotricidade,

[...] como ciência da Saúde e da Educação, pois indiferente das diversas escolas, psicológicas, condutistas, evolutistas, genéticas etc., ela visa a representação e a expressão motora, através da utilização psíquica e mental do indivíduo. (AJURIAGUERRA, 1983, p. 26).

O objetivo era levar para a escola a metodologia da Psicomotricidade, pois este seria o lugar mais favorável para a aquisição de habilidades. Além disso, surge com a Educação Psicomotora a proposta de ajudar crianças com déficit motor a desenvolver suas potencialidades e ter acesso ao ambiente escolar. De modo progressivo e específico, a Psicomotricidade passou a ser apresentada enquanto intervenção cognitiva, motora e emocional.

Araújo (1992, p. 30), também complementa essa definição dizendo que a “Educação Psicomotora se apresenta sob um aspecto pedagógico e sua prática se estende, sobretudo, nas instituições educativas onde, através da utilização do movimento humano, procura desenvolver o indivíduo como um todo”. Sendo assim, “a psicomotricidade, como ciência da educação, enfoca esta unidade educando o movimento ao mesmo tempo que põe em jogo as funções intelectivas”. (COSTALLAT, 1978).

Então, a presença da Psicomotricidade na escola tem como intenção promover o desenvolvimento global da criança, de modo que ela tenha consciência do próprio corpo e de aspectos de sua rotina como a lateralidade e o espaço, além de dominar seus gestos e movimentos, usando-os como meio de expressão e comunicação, bem como na resolução de problemas e na vivência de novas experiências. Assim, valoriza-se o processo de aprendizagem e não apenas uma técnica destacada de outros saberes.

ESTIMULAÇÃO PELA PSICOMOTRICIDADE

A criança concebe sua existência tendo conhecimento do próprio corpo. Sua capacidade de sentir, de movimentar-se e de deslocar-se possibilita esta percepção. Segundo Alves (2012), é nos primeiros anos de vida que o indivíduo vai desenvolver suas capacidades intelectuais, motoras, afetivas e sociais, definindo sua identidade.

A descoberta do mundo externo vem a partir dos gestos que vão sendo apropriados pela criança; ela vai percebendo que suas ações evoluem de acordo com suas necessidades e com os resultados alcançados. “O movimento permite à criança explorar o mundo exterior através de experiências concretas sobre as quais são construídas as noções básicas para o desenvolvimento intelectual. É importante que a criança viva o concreto”. (ALVES, 2012, p. 17).

Ou seja, a criança aponta, gesticula, chama, com a finalidade de comunicar o que deseja e, segundo Gonçalves (2011), esta é um importante modo de comunicação antes da linguagem fonética, “antes da linguagem, as ações motoras é o que determinam as ações mentais”. (GONÇALVES, 2011, p. 28).

É com o propósito de favorecer o aprendizado da criança que é feita a estimulação motora. Partindo do que já é familiar, a criança é posta em contato com o meio, com seus elementos e com ela mesma, criando uma comunicação significativa. A estimulação motora acontece a partir de uma intenção, levando ao aprimoramento do esquema corporal. Desse modo, a criança é levada a experimentar habilidades diferentes daquelas que já tem organizada.

As experiências concretas, como a ludicidade e a musicalização, são atividades facilitadoras dessa interação, que tornam o aprendizado contextualizado, significativo e adequado em relação aos seus propósitos. Diante disso, Gonçalves (2011) diz que, quando a criança é submetida a novas experiências ou a outras formas de executar o que já está constituído, ela tem seu esquema cognitivo desorganizado, o que a leva a buscar uma nova forma de compreender para atingir o objetivo. Esse é um processo contínuo que contribui para sua organização motora e para o seu desenvolvimento cognitivo, autônomo e criativo.

AS POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO MUSICAL: UMA INTERVENÇÃO PSICOMOTORA

As brincadeiras das crianças são, quase sempre, acompanhadas por canções ou cantigas, que, no geral, são transmitidas oralmente atravessando gerações, ensinando temas e experiências comuns, que serão, certamente, vivenciadas em um dado momento.

As crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos dos seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo “personalidade” e significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais e à sua produção musical. O brincar permeia a relação que se estabelece com os materiais: mais do que sons, podem representar personagens, como animais, carros, máquinas, super-heróis etc. (BRASIL, 1998, p. 52).

Ao incitar as crianças pequenas com atividades que trabalham gestos, danças, sons do meio, bem como de animais e outros ruídos, estimula-se a criatividade, dando noções às crianças das diferenças dos sons, altura, intensidade e tempo, permitindo também que observem e conheçam o próprio corpo em movimento, atentando-se àquilo que está a sua volta, a fim de que seja explorada sua criatividade, uma vez que ela consiste na base para o desenvolvimento.

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio dos sons. (BRASIL, 1998, p. 51).

Quando os bebês começam a balbuciar e a cantarolar, eles estão procurando imitar o que ouvem, explorando possibilidades vocais, do mesmo modo que exploram brinquedos, objetos e espaços, caracterizando um jogo de exercícios sensoriais e motores.

Na Educação Infantil, como dito anteriormente, deve-se, além das músicas infantis, mostrar às crianças diferentes estilos musicais, variando os sons e os ritmos, além de propor que cantem, gesticulem e dançam. De acordo com Brito (2003), não se pode limitar o contato das crianças à chamada música infantil, pois algumas delas tem o texto fraco, óbvio ou com rimas pobres. Isso porque, a musicalização na Educação Infantil está relacionada à motivação de ensinar, sendo possível, com a música, favorecer a autoestima, a socialização e o gosto musical. Cantar ou ouvir música pode proporcionar diversos benefícios, além de um desenvolvimento saudável.

E, neste sentido, é possível afirmar que musicalizar tem como princípio, desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão e ritmo, inserindo-a no contexto musical. Sendo assim, o processo de musicalização tem por objetivo, colocar ao alcance da criança uma amplitude de elementos que a familiarize à música, tornando-a tanto uma ouvinte sensível e crítica, como uma apreciadora e praticante da música.

Ao relacionar a Psicomotricidade com a música observa-se a maturação do desenvolvimento, que não se refere apenas à percepção auditiva, mas também aos movimentos do corpo, à fala e ao pensamento lógico e estético. Santos (2010) aponta que:

[...] a educação musical descobriu o jogo e o lúdico como estratégia para o desenvolvimento musical, principalmente na criança, e em parceria com outras áreas da ciência, como a psicologia, a psicomotricidade e a pedagogia em geral, que vem desvendando a contribuição do jogo na aprendizagem musical e no desenvolvimento corporal (SANTOS, 2010, p. 59).

No contexto escolar, a música deve ser vista como parte da cultura humana, ou seja, não podemos considerar a musicalização apenas como um meio de proporcionar a aprendizagem, ou mesmo, o aperfeiçoamento de outras áreas do conhecimento. A música fará parte do processo de ensino e aprendizagem, também como área de conhecimento de modo significativo para o desenvolvimento subjetivo da criança pequena.

Neste processo, dentro do ambiente da Educação Infantil, é preciso ressaltar que, acima de tudo, as crianças brincam, e brincando realizam as mais diferentes atividades e, assim, também aprendem. Do mesmo modo irá acontecer com a música nesta fase. As crianças se apropriam dos sons e dos elementos da música, experimentam objetos e instrumentos musicais para verificar suas possibilidades sonoras. Brito (2003), fala da importância de brincar e cantar com as crianças, pensando também no vínculo afetivo e prazeroso que se cria nestes momentos.

A musicalização refere-se ao sentido de educar pela música, com o “[...] objetivo de contribuir na formação e desenvolvimento da personalidade do indivíduo, pela ampliação da cultura, pelo enriquecimento da inteligência e pela vibração da sensibilidade musical” (CARVALHO, 1997, p. 58).

É por isso, que na Educação Infantil, a música deve ser trabalhada de forma lúdica, de modo que a atuação da criança seja espontânea, assim como realiza suas brincadeiras.

No cotidiano da Educação Infantil, a música pode estar presente nas mais diferenciadas situações. Dessa forma, observa-se a música como uma fonte de comunicação, que traduz em sons as falas, os gestos, as atitudes, as sensações e os pensamentos, ou seja, usa-se a música como forma de relacionar as crianças com o seu meio.

Logo, a atividade musical e as demais atividades artísticas, relacionadas à brincadeira e a jogos recreativos, formam o contexto da Educação Infantil, sendo estas práticas oportuníssimas no desenvolvimento cognitivo, motor, social, sensorial e cultural do ser humano desde o nascimento.

A educação da criança pequena, em seu aspecto musical, deve ser realizada de maneira que as atividades e o repertório sejam escolhidos de acordo com as necessidades e os interesses de cada momento, respeitando assim, seu processo de desenvolvimento e sua capacidade de compreensão. Para que isso ocorra, também deve ser pensado num ambiente rico em estimulação, no qual a criança possa acomodar os exercícios lúdicos e musicais, de acordo com seus conhecimentos. Ou seja, quanto mais estímulos e motivações o espaço oferecer, mais oportunidade a criança terá para aprender e desenvolver seus saberes.

A música é fonte de reconhecimento cultural do indivíduo, sendo assim, cantando a criança poderá, de forma espontânea, interagir socialmente. “A música é linguagem que organiza, intencionalmente, os signos sonoros e o silêncio num *continuum* espaço-tempo”. (BRITO, 2003, p. 23). A musicalização acontece, então, de forma contínua, por isso, a relevância de trabalhar a música na Educação Infantil.

A música deve ser vivenciada em sua essência, como considera Bréscia (2003):

Ao trabalhar com sons, a criança aguça sua audição, ao acompanhar gestos, ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção, ao cantar ou imitar sons, ela está estabelecendo relações com o ambiente em que vive. O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo (BRÉSCIA, 2003, p. 82).

As brincadeiras que envolvem músicas diversas e mesmo as cantigas de roda, além de divertir, ajudam a desenvolver a expressão oral, pois as crianças cantam junto e se esforçam para aprender cada verso; favorecem a audição e a atenção, pois a cada música nova que é incluída no repertório, as crianças querem sempre saber de cor; além de aperfeiçoar o ritmo, sendo que estas brincadeiras envolvem sempre várias coreografias e muitos movimentos corporais.

Enquanto rodam, brincam e dançam cantando as canções, as crianças ainda se exercitam, trabalhando o equilíbrio, o movimento e a coordenação motora, desenvolvendo a aprendizagem oral, o que contribuirá para a iniciação musical. A música está incluída entre as atividades que proporcionam à criança pleno desenvolvimento.

Assim como a linguagem, a motricidade e tantas outras habilidades que a criança apreende na infância, como o brincar e o desenhar, com a musicalização ocorre o mesmo, sendo que o outro está sempre presente neste processo, como fonte de inspiração e exemplo. As capacidades da criança vão evoluindo conforme expande sua percepção de mundo.

É, portanto, neste contexto que o professor tem a função de contribuir para o acesso à diversidade musical. O ensino musical na Educação Infantil, deve, assim como as outras áreas do conhecimento, considerar as noções prévias que as crianças carregam, tomando isso como ponto de partida.

Portanto, na Educação Infantil, há inúmeras maneiras de se trabalhar com a música, aproveitando as possibilidades e os benefícios que ela pode oferecer. Fica claro que um trabalho criativo e competente contribuirá para a criança desenvolver sua criatividade, socialização, expressão e servirá também, como estímulo para as crianças aprenderem mais e de forma contextualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste trabalho teve como objetivo verificar a importância da Educação Psicomotora no contexto da Educação Infantil, enquanto estímulo necessário para um desenvolvimento amplo e, de certa forma, mais completo. Com a Educação Psicomotora verifica-se a possibilidade de ganhos no aprendizado, uma vez que é deixado de lado o que é previsível para a criança, aumentando suas oportunidades de explorar e experimentar.

Estando a Psicomotricidade atrelada ao desenvolvimento das condutas físicas e psíquicas, busca-se com ela o aperfeiçoamento de todo esse sistema, alcançando resultados mais satisfatórios do que o esperado.

Também através da utilização da música, devido às suas particularidades voltadas para o desenvolvimento motor, cognitivo e sensorial, intrinsecamente ligadas à Psicomotricidade, é possível proporcionar avanços consideráveis na aprendizagem das crianças, isso porque, este trabalho conjunto propicia ganhos afetivos, intelectuais e sociais. Por esse motivo, verificou-se que é válido investir em uma educação com base na Psicomotricidade, desde muito cedo, contribuindo para o desenvolvimento e a aprendizagem, com resultados que se estendam naturalmente para os anos posteriores da educação.

Contudo, também, que deve ser incorporada a atividade lúdica ao trabalho psicomotor na educação, pois o brincar é responsável por grande parte das evoluções psíquicas, das mudanças e das construções motoras e cognitivas da criança. Sendo assim, a criança estabelece com as brincadeiras, com as músicas e com os jogos uma relação positiva, com a qual consegue extravasar seus sentimentos e emoções, além de promover o envolvimento e o conhecimento do outro, do meio e de si mesma.

Assim, conclui-se que esse tipo de intervenção, já a partir da Educação Infantil favorece e auxilia a criança a alcançar recursos necessários para o seu desenvolvimento global.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. **Manual de psiquiatria infantil**. São Paulo: Masson, 1983.

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 3. Conhecimento de Mundo. MEC/SEF, 1998.

BRÉSCIA, Vera Lucia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003, p. 18-9, 82.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. Pão Paulo: Peirópolis, 2003.

CARVALHO, Mônica Fontanari de. **Pré-escola da música: musicalização infantil**. Curitiba: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Auredite Cardoso. **Psicopedagogia e psicomotricidade: pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTALLAT, D. M. **Psicomotricidade: a coordenação visomotora e dinâmica manual da criança infradotada, método de avaliação e exercitação gradual básica**. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____, Vitor da. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____, Vitor da. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GONÇALVES, Fátima. **Do andar ao escrever: um caminho psicomotor**. São Paulo: Cultural RBL, 2011.

- JOLY, Ilza Zenker Leme. **Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música.** São Paulo: Moderna, 2003.
- LE BOULCH, Jean. **Psicomotricidade.** In: ARAÚJO, Vânia Carvalho de. O jogo no contexto da educação psicomotora. São Paulo: Cortez, 1992.
- LEVIN, Esteban. **A clínica psicomotora.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- LUSSAC, Ricardo Martins P. **Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional.** Revista Digital, Buenos Aires, Ano 13, nº 126, 2008. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: junho de 2017.
- MELLO, Alexandre Moraes de. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis.** São Paulo: IMBRASA, 7ª. Ed., 1989.
- NASCIMENTO, Maria Letícia B.P. **A Criança Concreta, Completa e Contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon.** In: Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens. Kester Carrara (Org.) São Paulo: Avercamp, 2004.
- NICOLA, Mônica. **Psicomotricidade – Manual Básico.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
- NOGUEIRA, M.A. **A música e o desenvolvimento da criança.** Revista da UFG, Vol. 5, nº. 2, dez. 2003. Disponível em: <www.proec.ufg.br>. Acesso jun. 2017.
- OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: Educação e reeducação num enfoque Psicopedagógico.** Petrópolis. RJ, Vozes, 1997
- PENNA, Mauro. **PCN nas escolas: e agora?** Revista Arte na Escola, 2008. Disponível em: <artenaescola.org.br>. Acesso jun. 2017.
- SANTOS, E. L. S; CAVALARI, N. **Psicomotricidade e educação infantil.** Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP, Pitanga, v. 1, n. 3, p. 149-163, 2010.
- SBP. **SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE.** Disponível em: <www.psicomotricidade.com.br> Acesso em: junho de 2017.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1997, 3ª Edição.

TOURINHO, I. **Música e controle: necessidade e utilidade da música nos ambientes ritualísticos das instituições escolares.** Em Pauta, Porto Alegre, ano 5, n. 7, 1993.